



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**



Gustavo Arcanjo Ferreira

Rastros: (in)visibilidade Barroca

Mariana

2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**



Gustavo Arcanjo Ferreira

Rastros: (in)visibilidade barroca

**Memorial de projeto experimental
apresentado ao curso de Jornalismo da
Universidade Federal de Ouro Preto, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.**

**Orientador: Prof. Felipe Viero
Kolinski Machado Mendonça**

Mariana 2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

F383r Ferreira, Gustavo Arcanjo.
Rastros [manuscrito]: (In)visibilidade barroca. / Gustavo Arcanjo
Ferreira. - 2022.
38 f.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça.
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro
Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Estudos sobre homossexualidade. 2. Fotografia. 3. Identidade de
gênero. 4. Minorias sexuais. 5. Sexo na cultura popular. I. Mendonça,
Felipe Viero Kolinski Machado. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III.
Título.

CDU 77.044

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Gustavo Arcanjo Ferreira

Rastros: (in)visibilidade barroca

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aprovada em 24 de junho de 2022.

Membros da banca

Doutor - Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Doutor - Carlos Magno Camargos Mendonça - Universidade Federal de Minas Gerais
Mestra - Talita Aquino - Universidade Federal de Minas Gerais

Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 20/09/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça**, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR, em 20/09/2022, às 09:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0400433** e o código CRC **4AFA1178**.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar como é a experiência de vida de quatro pessoas LGBTQIA+ que nasceram e ainda moram nas cidades de Ouro Preto e Mariana. Além deste memorial, foi produzido um site editorial, no qual estão apresentadas as imagens e as entrevistas que foram realizadas para a produção do trabalho de conclusão de curso.

Para mostrar essas experiências de vida, as entrevistas tiveram como objetivo conhecer partes marcantes da história de cada uma das quatro fontes, tentando passar por episódios de preconceito e aceitação por parte da família ou pessoas ao redor. Já as imagens, tiveram como objetivo central posicionar pessoas da comunidade LGBTQIA+ nas paisagens barrocas das duas cidades, mostrando a força dessas pessoas mesmo vivendo em cidades com um histórico conservador.

Palavras-chave: Fotografia; Gênero; Sexualidade; Representatividade; LGBTQIA+

Abstract

The main objective of this work is to present the life experience of four LGBTQIA+ people who were born and still living in the cities of Ouro Preto and Mariana. In addition to this memorial, an editorial website was produced, in which the images and interviews that were carried out for the production of the course conclusion work are presented.

To show these life experiences, the interviews aimed to get to know important parts of the history of each of the four sources, trying to go through episodes of prejudice and acceptance by the family or people around them. As for the images, their main objective was to position people from the LGBTQIA+ community in the baroque landscapes of the two cities, showing the strength of these people even living in cities with a conservative history.

Keywords: Photography; Gender; Sexuality; Representativeness; LGBTQIA+

| | |
|---|-----------|
| 1 - Introdução | 6 |
| 2 - Homofobia e auto-descoberta | 9 |
| 3 - O que é ser LGBTQIA+? | 14 |
| 3.1 - O que é ser Lésbica | 15 |
| 3.2 - O que é ser Gay | 16 |
| 3.3 - O que é ser Bissexual | 18 |
| 3.4 - O que é ser Travesti ou Transexual? | 19 |
| 4 - Fotografia | 20 |
| 5 - Diário de bordo | 23 |
| 5.1 - Diário de bordo Regina Braga (Lésbica) | 25 |
| 5.2 - Diário de bordo Filipe Vieira (Gay) | 27 |
| 5.3 - Diário de bordo Karina de Oliveira (Bissexual) | 29 |
| 5.4 - Diário de bordo Liana Paula (Transexual) | 31 |
| 6 - Considerações Finais | 34 |
| 7 - Referências | 37 |
| 8 - Anexos | 38 |
| 8.1 - Autorização de uso de imagem | 38 |

1 - Introdução

Analisando a situação atual do Brasil, na qual a LGBTQfobia e todo tipo de preconceito ganham cada vez mais força, esse trabalho se faz necessário para tornar público e mostrar um posicionamento contrário a todos os tipos de preconceito.

O que também justifica a pesquisa nesse tema é a minha experiência pessoal, sou ouro-pretano e pude sentir na pele o preconceito presente na cidade, crescer sendo bissexual nessa cidade foi bastante desafiador, por mais que na época eu não entendia o que sentia, mas me sentia diferente das outras crianças. Lembro até hoje de uma situação na primeira escola que estudei, onde minha mãe foi chamada por uma professora para conversar, pois eu só andava com as meninas e sempre brincava com elas, tendo um comportamento que foi chamado de inadequado por essa professora. Tendo em vista essa e outras experiências que vivenciei em Ouro Preto esse trabalho se mostra como uma forma de tentar conscientizar sobre os preconceitos presentes nessa região de Ouro Preto e Mariana.

Além da nova força do preconceito, a legitimação do ódio contra o “diferente” torna ainda mais difícil ser LGBTQIA+¹ no Brasil, somos o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo, mesmo quando levamos em consideração os países que têm a homossexualidade como uma prática criminosa, nos quais a pena capital é aplicada, erroneamente, como punição. Isso nos mostra como o preconceito pode chegar a pontos extremos de ódio.

O que garante essa informação é a pesquisa do Grupo Gay da Bahia, que aponta em seu relatório do ano de 2021, publicado em Maio de 2022, que foram 300 mortes violentas causadas pela homofobia no Brasil, um número que é 8% maior que o do ano anterior, que mostram 276 homicídios. O instituto também mostra que o crime de ódio é em sua maioria cometido contra homens gays, totalizando 153 casos, seguido por 110 casos contra transexuais e travestis, 12 contra lésbicas, 4 casos contra bissexuais e homens trans, um caso contra uma pessoa não binária e mais um contra um homem heterossexual, que o grupo aponta como confundido com um gay. (Grupo Gay da Bahia (GGB), 2022, p. 3)

¹ Sigla respectivamente se referindo a lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais. O “+” é o termo coringa que engloba todas as letras da sigla completa. Blog da Printi, disponível em: [HTTPS://www.printi.com.br/blog/a-representatividade-por-tras-do-dia-internacional-do-orgulho-lgbtqia?gclid=CjwKCAjwryUBhBSEiwAGN5OCNXEZLdMYRogcHmMpZI239rFSOB7wEoRH2nhQdhp2lwZ0bzqhfduWRoCua4QAvD_BwE](https://www.printi.com.br/blog/a-representatividade-por-tras-do-dia-internacional-do-orgulho-lgbtqia?gclid=CjwKCAjwryUBhBSEiwAGN5OCNXEZLdMYRogcHmMpZI239rFSOB7wEoRH2nhQdhp2lwZ0bzqhfduWRoCua4QAvD_BwE)

Antes de aprofundar nas explicações técnicas e teóricas deste trabalho, é preciso explicar as escolhas feitas para o título desta produção, foi escolhido como título: “Rastros: (In)visibilidade Barroca” por se tratar de uma produção que conta a história das pessoas convidadas para participar da execução. Ao meu ver, cada pessoa deixa sua marca no tempo, foi decidido apresentar essas marcas como “rastros”, já sobre a (in)visibilidade, tratei sobre a forma como a população das duas cidades escolhidas lidam com a sexualidade de outros membros da comunidade, ao mesmo tempo que vêem e têm preconceito, eles ignoram e não se preocupam em aprender sobre isso. Já o termo “Barroca” se apropria da arquitetura histórica de Ouro Preto e Mariana.

Além dessa breve explicação, é necessário apresentar o produto que foi produzido para esse trabalho de conclusão de curso. Foi produzido um site através da plataforma Wix, que facilita a produção desse tipo de material, neste site foram publicadas as histórias de cada personagem, separadas pelas letras que cada um deles representa, antes de cada entrevista está presente uma explicação sobre a orientação sexual ou identidade de gênero que será apresentada.

A expressividade presente neste site-editorial², criado para expor e contar a história de cada personagem, com foco na fotorreportagem traz à tona o questionamento “o que é ser LGBTQIA+ na Região dos Inconfidentes?”, mostrando nas fotografias uma forma de resistência e as dificuldades enfrentadas por essa população em duas cidades do interior com uma presença religiosa muito forte.

Essa presença religiosa acaba trazendo conceitos apresentados na bíblia que ditam que é errado a prática homossexual, porém quando trazemos essas colocações para a atualidade, percebemos que elas são excludentes e ultrapassadas, por se tratar de um livro escrito a milhares de anos e traduzido inúmeras vezes, causando perdas de sentido por exemplo. Em certas famílias essa presença é tão forte que, ao descobrirem sobre a sexualidade da pessoa, optam por buscar uma falsa cura para o que acreditam ser uma doença.

Muitas vezes essa ligação da família com uma religião mais conservadora, leva a pessoa a se afastar, gerando uma solidão em relação a família, que em diversas situações é preenchida pela companhia dos amigos, que se tornam uma segunda família.

² Site-editorial foi o nome escolhido para nomear esse produto, uma vez que nele serão publicadas as imagens e histórias de cada personagem presente neste trabalho. Disponível em: <https://guguaf.wixsite.com/rastros>

Os personagens são todos naturais de Ouro Preto e Mariana, passam pelas dificuldades de se assumir ou não para a família, da aceitação dos amigos, do *bullying* na escola, do preconceito no mercado de trabalho e da auto aceitação. Durante as conversas e fotografias com os personagens, foi produzida uma pequena entrevista que está presente no site, que junto com as imagens contam, a história de vida de cada personagem, que mostra sua trajetória, dando ênfase nos episódios e locais que mais trazem lembranças para cada um.

O site vai além da experiência com as fontes, traz também um pouco da minha experiência pessoal, apresentando junto com os personagens algumas das vivências dentro da cidade. Usando a experiência que tive com relação a aceitação de amigos e família como uma forma de contextualizar toda a produção do site, o foco é em mostrar de forma mais forte as vivências de cada personagem.

Levando em consideração a religiosidade muito presente nas cidades, podemos ressaltar que grande maioria das famílias são ligadas de forma forte em alguma religião o que pode gerar, algumas vezes, conflitos internos na pessoa por ir contra ou por não cumprir com o que a família almeja, quando se trata de relações pessoais.

Esse projeto tem como principal foco mostrar as pessoas como elas realmente são, derrubando pelo menos durante a realização das fotos todos os medos que a pessoa tem em ser quem ela realmente é, passando naturalidade e verdade para as fotos. Tentando, assim, mostrar para outras pessoas LGBTQIA+ das cidades que elas podem se assumir e que vão encontrar forças para seguir em frente depois.

Quando se trata de se assumir LGBTQIA+ em cidades nos padrões de Ouro Preto e Mariana, o que mais torna necessária a realização desse trabalho é a tentativa de reduzir o preconceito sofrido dentro dessas comunidades, nas quais tudo é pautado pela religião ou pelo conservadorismo, o que é “novo” é tido como errado e as pessoas assumem um grande risco ao se libertarem do medo e se assumirem como LGBTQIA+.

Tentando mostrar como o preconceito pode atrapalhar alguém, as entrevistas presentes no site, terão como um dos seus focos mostrar as formas de preconceito que a pessoa sofre durante sua vida, dentro da família, no local de trabalho, para conseguir um emprego e até mesmo as questões de *bullying* nas escolas.

Movido pela vontade de mostrar como alguém pode passar por cima do preconceito e conseguir seguir sua vida, esse trabalho tem como um de seus focos mostrar também a

superação de momentos de preconceito e contar como foi pra essa pessoa superar esse momento.

As entrevistas foram com perguntas padronizadas, trazendo questionamentos como “como foi se descobrir LGBTQIA+ na Região dos Inconfidentes?” e “existiu algum tipo de pressão da sua família?”, por exemplo, mas ainda mantendo o foco nas especificidades de cada personagem, levando em consideração como cada assunto interfere e causa reações em cada personagem, tentando a todo momento manter o personagem à vontade com o assunto, tentando manter a fonte sempre confortável.

Trazendo cada especificidade como traço importante, isso definiu como cada ensaio foi realizado, além de cada um ter escolhido onde seria fotografado, o que deu uma cara única para cada um, além de passar um pouco da personalidade de cada personagem.

Ao observar algumas das fontes, que são amigos pessoais, posso perceber alguns traços do preconceito presente dentro das famílias e até mesmo em ambientes de descontração, o que me levou a querer contar essas histórias, que pude acompanhar de perto, e mostrar como essas pessoas lutaram para chegar onde estão agora e como passou a ser a aceitação dessas famílias.

Levando em consideração que todas as fontes são da mesma região, esse é um ponto a ser trabalhado durante as entrevistas, as fontes foram questionadas sobre como é a sua relação com as pessoas e com as próprias cidades.

Sendo assim, foi preciso pensar nas formas como os personagens se relacionam com os locais escolhidos para trabalhar as fotos, mostrando como é a história de cada um com seus locais marcantes, passando a emoção que os personagens sentem quando estão lá.

Além de mostrar histórias e emoções, esse site pretende passar a mensagem de que é possível vencer o preconceito, seguir em frente e ser feliz sem depender de outras pessoas, mostrando que a auto aceitação é o primeiro passo para que a vida se torne mais fácil ou mais leve de se enfrentar.

2 - Homofobia e auto-descoberta

Buscando sanar algumas dúvidas sobre o tema, procurei autores que se inseriram em assuntos de gênero e sexualidade para me auxiliarem durante a produção teórica desse produto. Mesmo se tratando de um site que não apresentará teorias em sua parte principal, as

teorias buscadas ajudaram na produção de imagens com mais expressividade, além de ajudar a entender que a homofobia vai além do que o senso comum apresenta.

No livro de Daniel Borrillo, “Homofobia: História e crítica de um preconceito”, é apresentado um conceito de homofobia logo no prefácio da edição. Segundo Borrillo (2010) a homofobia se revelou um processo de humilhação, exclusão e violência que se pautam pela organização social e pela cultura. O que torna mais evidente que a homofobia pode ser moldada de acordo com cada local onde esse preconceito atua, em Ouro Preto e Mariana, esse preconceito se pauta na religiosidade e no conservadorismo.

Ainda levando Borrillo (2010) em consideração, a homofobia segue a mesma lógica de outras formas de violência e inferiorização, se pauta em desumanizar e tornar o outro diferente. Segundo o autor, ainda não entendemos muito bem o que é a homofobia, sabemos da sua existência, mas não sabemos ao certo todas as formas dela se apresentar. Ele cita que a homofobia vai além do próprio indivíduo, passa também pela cultura e pelas instituições:

Compreender o funcionamento da homofobia, sobretudo quando é evidente que o preconceito não só reside nos indivíduos, mas também se articula na cultura e nas instituições, é fundamental para aprimorar as formas de enfrentamento e desconstrução de suas práticas violentas e silenciosas. (BORRILLO, 2010, p. 9)

O autor cita também que, a homofobia é um fenômeno complexo e variado, podendo ser percebido nas piadas que ridicularizam o indivíduo efeminado, mas que também pode chegar a extremos, como a vontade de extermínio, onde o indivíduo cria um ódio pelo diferente, como foi na Alemanha nazista.

A homofobia se assemelha a outras formas de preconceito e não está limitada a constatar uma diferença, ela vai além e interpreta e tira conclusões sobre o outro. Sendo assim, o indivíduo homossexual pode ser, seguindo a lógica homofóbica, condenado a pagar com a “purificação pelo fogo inquisitorial”, o que em alguns países pode ser a pena capital. Outra forma de se apresentar a homofobia é o tratamento da homossexualidade como doença, o tratamento de choque podia ser usado para “curar” homossexuais até a década de 1960, no ocidente (Borrillo, 2010).

Além de apresentar a homofobia como forma de exclusão e violência, Borrillo apresenta esse preconceito como um forma de marginalização desses indivíduos, na qual a homofobia apresenta um grau de tolerância com gays e lésbicas, mas trata a sexualidade

desses indivíduos como inacabada ou até mesmo secundária, dando uma superioridade para as práticas heterossexuais.

Ainda na introdução, o autor trata do que é a homofobia, ele a trata como o medo de que a sexualidade, que foge da norma heterossexual, seja reconhecida e valorizada, apontando como uma angústia de ver a hierarquia sexual desaparecer, pautando a heterossexualidade como única forma correta, e tornar a homossexualidade como normal.

Daniel Borrillo cita a prática da homofobia como algo familiar e consensual, podendo ser percebida com algo banal. Diz:

Quantos pais ficam inquietos ao descobrir a homofobia de um(a) filho(a) adolescente, ao passo que, simultaneamente, a homossexualidade de um(a) filho(a) continua sendo fonte de sofrimento para as famílias, levando-as, quase sempre, a consultar um psicanalista? (BORRILLO, 2010, p.17)

Como continuidade para os questionamentos sobre a homofobia, Borrillo cita o cristianismo, sempre com um grande poder de ditar para as pessoas o que é certo ou não, ele aponta o sistema judaico-cristão como a pedra angular do sistema repressivo, mostrando que a condenação da sodomia e a repulsa pelo paganismo podem ser vistos como elementos precursores da homofobia.

Analisando o que o autor cita sobre o que é a homofobia, podemos ver que ele ressalta que essa prática vai além de cada indivíduo, é uma prática que leva em consideração a cultura, a religião e as instituições, não só a igreja, mas também instituições políticas que podem ditar o que é aceito dentro de um país.

Trazendo para a realidade desse trabalho, poderá ser vista uma crítica às pessoas e às instituições, conceituando o preconceito na própria família e até mesmo nos ambientes de trabalho. Mostrando como cada um dos personagens sofreram preconceito e como lidam com isso, tentando passar também como essas pessoas se defendem de tais preconceitos.

Sendo um assunto delicado para alguns dos personagens, a proposta desse trabalho, além de conscientizar, é mostrar tanto para os personagens quanto para as outras pessoas o quão pesadas podem ser as consequências da homofobia na vida de alguém. Esse trabalho busca além da conscientização, a troca de experiências com as fontes, deixando elas à vontade para se abrir durante a realização do ensaio fotográfico.

Analisando o que é ser LGBTQIA+ a partir de estudos sobre o tema, busquei auxílio no livro “Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria Queer” de Guacira Lopes

Louro (2004), no qual a autora organiza vários textos de diferentes autores para explicar do que se trata a teoria Queer e como se dão as relações de gênero e sexualidade.

A autora traz para a discussão a teoria Queer aplicada no meio da educação, no texto ela diz que quer trazer as articulações do movimento, mostrar o que é tido como subversivo, mostrar como a teoria Queer causa estranhamento, o que dialoga com as ideias de Borrillo de que a homofobia é o estranhamento de pessoas que fogem do padrão tido como correto por algumas sociedades.

O Primeiro texto trazido por ela é intitulado “Viajantes pós-modernos”, que trata de mostrar a viagem feita por pessoas que não se encaixam na norma heterossexual, a autora cita que a transição para o meio LGBTQIA+ não é uma questão de escolha, mas que a pessoa se percebe como pertencente a esse meio, ela usa a metáfora da viagem para mostrar que é mais do que apenas transitar, mas ir ao encontro de quem realmente a pessoa é, mas afirma que não é apenas um sujeito que viaja, ele é próprio, dividido, fragmentado e cambiante (LOURO, 2004). Para explicar seu conceito de viagem a autora diz:

É possível pensar que esse sujeito também se lança numa viagem, ao longo de sua vida, na qual o que importa é o andar e não o chegar. Não há um lugar de chegar, não há destino pré-fixado, o que interessa é o movimento e as mudanças que se dão ao longo do trajeto. (LOURO, 2004. p. 13)

Neste trabalho, o conceito de viagem que podemos estabelecer é o de romper com os padrões estabelecidos pela comunidade na qual a pessoa está inserida. Sendo assim, o trabalho quer mostrar as transformações sofridas pelas pessoas durante o percurso até o momento.

Além de mostrar o trajeto de cada um, o site pretende mostrar locais marcantes para cada pessoa durante essa viagem, levando em consideração locais no centro da cidade, aproveitando a arquitetura barroca dos centros históricos e tentando causar incômodo, confrontando a tradicionalidade e o padrão da heterossexualidade. Com a ideia de que cada personagem irá contar sua história através de imagens, os locais em que as fotos foram tiradas são partes importantes para a história de cada um.

Trazendo os pensamentos de Judith Butler, através dos textos apresentados por Guacira Lopes Louro (2004), para completar os pensamentos a autora traz uma citação que pode ajudar na condução desse trabalho, se trata também do conceito de viagem, mas indo além, juntando com o conceito de definição de gênero.

A declaração "É uma menina!" ou "É um menino!" também começa uma espécie de "viagem", ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção. A afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição ou decisão sobre um corpo. (LOURO, 2004, p.15)

Levando em consideração que essa frase define o que o corpo vai ser, podemos pensar que ela define precocemente como vai ser a vida de determinada pessoa, sem levar em consideração todo o percurso e as mudanças internas dentro de cada um. Neste trabalho a construção individual deve ser levada em consideração para que cada personagem passe a sua história e sua forma de construção de caráter.

Pensando nas transformações, a autora traz a ideia de que essa viagem de cada indivíduo pode transformar não somente o corpo, mas pode ir além disso, podendo mudar até a sua forma de ver o mundo.

A viagem transforma o corpo, o "caráter", a identidade, o modo de ser e de estar... Suas transformações vão além das alterações na superfície da pele, do envelhecimento, da aquisição de novas formas de ver o mundo, as pessoas e as coisas. (LOURO, 2004, p. 15)

Essas transformações podem definir o rumo que a vida dessas pessoas vai tomar, pois o preconceito presente na sociedade é forte e não tem muita aceitação quando se trata de pessoas da comunidade LGBTQIA+.

Pensando na construção desse trabalho, a luta contra esse preconceito se faz mais do que presente, torna-se parte essencial para a produção imagética de cada página, mostrando já na parte das entrevistas como cada personagem lida com o preconceito vivido diariamente e muitas vezes dificultando as chances de conseguir emprego.

Além dessas dificuldades, a superação é um dos fios condutores deste trabalho, mostrar a superação de cada personagem é uma forma de ajudar os outros a se sentirem seguros para fazer o mesmo, assim buscando formar uma rede de apoio dentro da comunidade LGBTQIA+ ouropretana.

Ainda segundo Guacira, podemos ver suas definições de marcas em corpos, sendo elas visíveis ou não, no começo deste capítulo ela traz diversos questionamentos sobre essas marcas.

Diz-se que corpos carregam marcas. Poderíamos, então, perguntar: onde elas se inscrevem? Na pele, nos pelos, nas formas, nos traços, nos gestos? O que elas "dizem" dos corpos? Que significam? São tangíveis, palpáveis, físicas? Exibem-se facilmente, à espera de serem reconhecidas? Ou se insinuam, sugerindo, qualificando, nomeando? Há corpos "não-marcados"? Elas, as marcas, existem, de fato? Ou são uma invenção do olhar do outro? (LOURO, 2004, p. 75)

Para ela essas marcas não delimitam apenas a sexualidade e gênero de cada pessoa, as marcas podem determinar também a classe social, a raça e a etnia. levando em consideração que essas marcas podem diferenciar umas pessoas das outras, elas podem causar a exclusão de determinados grupos, por exemplo o foco deste trabalho, que é a comunidade LGBTQIA+, muitas vezes marcada por romper com os padrões da heterossexualidade.

A cor da pele ou dos cabelos; o formato dos olhos, do nariz ou da boca; a presença da vagina ou do pênis; o tamanho das mãos, a redondeza das ancas e dos seios são, sempre, significados culturalmente e é assim que se tornam (ou não) marcas de raça, de gênero, de etnia, até mesmo de classe e de nacionalidade. (LOURO, 2004, p. 75)

Pensando pelo ponto de vista das fontes, essas marcas também carregam a sentença de mostrar dentro da família que a sexualidade da pessoa foge do padrão, muitas vezes além da heterossexualidade, mas também da religiosidade. Tendo em vista que a religiosidade das famílias pode causar um desconforto em relação à sexualidade da pessoa, precisamos pensar que essas marcas podem se tornar traumas psicológicos.

3 - O que é ser LGBTQIA+?

Não podemos iniciar uma discussão sobre o que é ser LGBTQIA+ sem antes entender o que é a identidade de gênero. Identidade de gênero, de acordo com os comentários de Jaqueline de Jesus (2012), é a forma como uma pessoa se sente em relação a si mesma, uma experiência interna e individual, um sentimento sentimento que existe independente do sexo biológico de cada pessoa.

Entende-se que uma pessoa que pertence à comunidade LGBTQIA+ é alguém que se relaciona com outra pessoa do mesmo sexo, mas essa definição é rasa e ultrapassada. É importante entender que ser LGBTQIA+ vai além disso, a comunidade é historicamente marcada por lutas por direitos e pela liberdade de se expressar, além de sermos, por muito tempo, vistos como um grupo que era ligado apenas por termos vivido casos de preconceito e discriminação pela sua orientação sexual e/ou identidade de gênero. Podemos dizer também que ser LGBTQIA+ exige uma força além da física, essa força é para lutar contra o preconceito imposto pela sociedade heteronormativa, que impõe suas relações binárias como a única vista como correta, como já foi abordado por esse trabalho anteriormente.

Para ressaltar as diferenças entre orientação sexual e identidade de gênero, podemos apresentar as falas trazidas por Jaqueline de Jesus, que ressaltam as diferenças entre os dois termos, para ela:

Gênero é diferente de Orientação Sexual, podem se comunicar, mas um aspecto não necessariamente depende ou decorre do outro. Pessoas transgênero são como as cisgênero, podem ter qualquer orientação sexual: nem todo homem e mulher é “naturalmente” cisgênero e/ou heterossexual. (JESUS, 2012, p. 13)

Não podemos descrever o que é ser LGBTQIA+ em apenas uma palavra ou termo, devemos entender a pluralidade de vozes e de identidades pertencentes a uma comunidade que está unida em busca de direitos e está em luta constante contra a LGBTfobia.

Para exemplificar a construção das identidades, podemos apresentar as falas de Camila Cavalcanti (2007), que traz o conceito de que a identidade é mutável e se molda ao longo do tempo, ela diz:

A identidade social, cultural, sexual e de gênero é construída e reconstruída ao longo do tempo, tendo, como bases fundamentais, estratégias e relações culturais distintas. Nomear não é simplesmente falar, classificar, é também esclarecer. (CAVALCANTI, 2007, p. 21)

3.1 - O que é ser Lésbica

O que define uma mulher lésbica? Essa pergunta vem comumente de, maneira errônea, com uma resposta padrão que não contempla toda a definição de ser lésbica, essa resposta geralmente é: “uma mulher que tem relações sexuais com outra mulher”, mas como bem sabemos, a sexualidade dessas mulheres não pode ser definida em uma única frase, pois como em toda orientação sexual, não se define apenas pelo interesse físico e sexual dessa pessoa.

De acordo com o texto de Gláucia Almeida e Maria Luiza Heilborn (2008), ser lésbica é um ato de luta até mesmo dentro da comunidade LGBTQIA+, elas falam sobre as dificuldades sofridas por grupos de lésbicas nos anos 1990, que lutavam por reconhecimento e buscavam ser incluídas nas lutas pelos direitos, mas também buscavam ser alvo de estudos voltados para a área da saúde para melhorar a qualidade de vida dessas mulheres.

Segundo as autoras, nos anos 1980 e no início dos anos 1990, essas mulheres realizavam vários esforços para afirmar sua identidade, a fim de mostrar as diferenças das lutas de cada movimento, além de tentarem ganhar uma autonomia em relação a essas outras

lutas. Para exemplificar essa busca por uma autonomia identitária do movimento lésbico, as autoras citam que:

Apesar da autonomização do movimento diante das demais organizações homossexuais, há ainda uma agenda comum. Demandas, ideologias, valores e tradições são semelhantes aos do movimento gay. No entanto, há repertórios cada vez mais autônomos, assim como um princípio articulatório interno mais independente, em função, principalmente, da entrada em cena das ONGs a partir da década de 1980, quase em substituição total aos grupos informais. (ALMEIDA, HEILBORN, 2008, p.3)

Levando em consideração que todos os grupos LGBTQIA+ buscam a autonomia identitária das suas lutas, o movimento lésbico nos mostra que essa busca não é tão simples. Para serem reconhecidas como “mulheres lésbicas” e não como “mulheres gays” como citam as autoras, os movimentos lésbicos tiveram que lutar pelo reconhecimento da sua autonomia identitária durante muitos anos, elas uniram forças a outros movimentos com interesses em comum e apenas assim conseguiram o reconhecimento que buscavam.

Contudo, esse reconhecimento não libertou nenhum dos grupos do preconceito causado pela homofobia, essa parte da luta pelos direitos LGBTQIA+ ainda é difícil, mas a cada dia os movimentos ganham mais força e espaço na sociedade, facilitando essas lutas para as gerações futuras e garantindo o reconhecimento necessário para que a sociedade como um todo passe a respeitar a comunidade LGBTQIA+.

3.2 - O que é ser Gay

O que define um homem gay? Essa é uma pergunta que também tem uma resposta rasa e desinformativa como padrão “um homem gay é aquele que tem relações sexuais com outro homem”, mas essa afirmação dá conta de responder plenamente a pergunta proposta? Posso afirmar que não, pois definir um homem gay assim, contempla apenas uma das facetas de ter essa orientação sexual, devemos levar sempre em consideração o lado afetivo dessa relação, que por se tratar de uma união entre dois seres humanos, envolve uma infinidade de sentimentos, vivências e gostos pessoais a se considerar.

Ser gay é além da sua relação com outro ser humano, é uma percepção desse homem com ele mesmo e sua forma de lidar com o mundo, é estar ligado às pessoas ao seu redor de uma maneira diferente da esperada.

Seguindo as regras da heteronormatividade um homem deve ser ríspido, duro, não possuir trejeitos, ser firme, se vestir e se portar de uma maneira menos sensível, o homem gay

quebra esse paradigma indo em uma direção diferente da imposta, não podemos afirmar que é uma regra, mas em grande parte das situações, um homem gay é compreensivo, extrovertido, demonstra sentimentos e afeto. Isso mostra um enfrentamento à heteronormatividade que tem como intuito, oprimir os sentimentos e hábitos que fogem do seu padrão de comportamento.

Para Claudia Eccel (2015), a heteronormatividade dita além do padrão de comportamento a ser seguido, dita também como um homem julga o outro em seus locais de trabalho, no artigo, ela traz o exemplo de uma das fontes, um homem assumidamente gay para a família e para os amigos, mas que no local de trabalho não falava sobre sua orientação sexual, ele se distanciava de um colega de trabalho que tinha traços mais “efeminados”, para ela isso era resultado de uma heteronormatividade que prendia e limitava as relações, o que causava uma pressão nessa fonte, que se disse arrependida de tal afastamento.

As representações sociais dizem respeito à masculinidade, isso não quer dizer que ao se representar de forma mais heteronormativa, torne um homem menos gay, mas segundo Eccel, essas representações ainda causam pressão e impõe uma imagem a ser seguida, e isso pode causar situações parecidas com a citada acima. Se aprofundando sobre as representações sociais, Claudia Eccel apresenta o seguinte argumento:

No caso dos homens homossexuais, as representações sociais dizem muito a respeito da masculinidade. Em primeiro lugar, porque se referem à imagem – socialmente representada – do masculino hegemônico, algo que, num contexto social qualquer, reflete o que se espera minimamente dos homens a fim de que sejam considerados como tal. Não se trata apenas de percepção do masculino, mas de ajustamentos diversos no sentido de procurar pertencer ao grupo que possui hegemonia da masculinidade. Estes ajustamentos levam ao segundo elemento: as representações sociais também se referem à autoimagem, uma vez que os indivíduos representam a si próprios em relação a um ideal de masculinidade em vigência na sociedade, ao qual, em muitos dos casos, buscam se ajustar, “sufocando-se”, do ponto de vista simbólico, sacrificando o que é distintivo em termos identitários em nome de um padrão social hegemônico. (ECCEL, 2015, p.6)

Levando em consideração essa fala da autora, podemos afirmar que ser um homem gay, vai além de apenas seguir uma representação social que fuja da heteronormatividade, ser gay é ir contra o que é tido como “normal”, e além disso, é enfrentar a visão que o homem tem de si próprio e como ele se mostra para o mundo, tornando assim, uma luta interna até a aceitação plena e até a coragem e força necessárias para assumir essa orientação sexual para a comunidade na qual está inserido.

3.3 - O que é ser Bissexual

O que define uma pessoa Bissexual? É comum ouvirmos falar que uma pessoa bissexual é confusa ou indecisa, mas o que vemos na prática é algo diferente. Alguém que se declara bissexual tem plena certeza dos seus sentimentos e vivências, falar que a pessoa não se decide é invasivo e inapropriado. Levando em consideração o fato de que a vida não é uma dualidade, essa afirmação se torna falsa, embora seja difícil para algumas pessoas aceitarem ou entenderem, a bissexualidade vai além do desejo sexual por pessoas de gênero oposto ou do mesmo gênero.

Uma pessoa bissexual tem plena capacidade de se envolver emocionalmente tanto com um homem, quanto com uma mulher, o que causa confusão ou estranhamento em pessoas que não tem conhecimento sobre esse tipo de vivência. Esse estranhamento vem em forma de preconceitos e para exemplificar, podemos apresentar as falas de Camila Cavalcanti (2007), sobre o preconceito sofrido por pessoas bissexuais, para ela:

A pessoa que se “intitula” bissexual sofre preconceitos tanto de homo quanto de heterossexuais, sendo taxadas como “não-resolvidas”, de estarem “em cima do muro”. Rótulos que expressam uma indecisão e, conseqüentemente, uma suposta falha de caráter. (CAVALCANTI, 2007, p. 16)

Esse estranhamento traz à tona novamente a discussão sobre as representações sociais pois vai de encontro ao que é tido como “normal”. Uma pessoa bissexual quebra com os conceitos de sexualidade impostos sobre os indivíduos em uma sociedade devido à dualidade imposta pela heteronormatividade, que dita que um homem pode se relacionar apenas com uma mulher, ou vice-versa, mas quando esse homem ou mulher se afirma bissexual, a sua representação social passa a ser vista por outros como “desviante”.

Ainda me aproveitando da dissertação de Camila Cavalcanti, ela apresenta a fala de Anthony Giddens (1993) sobre a bissexualidade, segundo ele:

a bissexualidade é ainda mais difícil de ser entendida porque parece ser uma mistura de homo e heterossexualidade, comprovando a teoria maior de que a orientação sexual pode se manifestar por vários caminhos e que existe mais de uma possibilidade de relacionamentos afetivo-sexuais (GIDDENS, 1993, p. 203).

Levando em consideração essas falas de Giddens, podemos entender que o preconceito sofrido pela comunidade bissexual é algo que vai além do preconceito

propriamente dito, é uma prática que vem de um lugar de não compreensão e de um não entendimento sobre as escolhas e sentimentos do indivíduo que não se encaixa nos grupos predeterminados.

3.4 - O que é ser Travesti ou Transexual?

O que define uma pessoa Travesti ou Transexual? Antes de falar sobre essas identidades de gênero, precisamos explicar o que é ser Cis e Transgênero, lembrando de maneira básica e superficial que em termos de gênero, todos os seres humanos podem ser enquadrados nessas duas vertentes. Para iniciar, uma pessoa Cisgênero é alguém que se identifica com o gênero designado no nascimento. Já uma pessoa “não-cisgênero”, chamada comumente como transgênero, é alguém que não se identifica com o gênero atribuído ao nascer.

Devemos trazer à tona para essa discussão os conceitos de sexo e gênero, sempre lembrando que um conceito é diferente do outro, além de diferentes são conceitos que são independentes entre si. Apresentando as falas de Jaqueline de Jesus sobre essa discussão, nos é apresentado o conceito de que:

Sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas. E o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto-percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente. (JESUS, 2012, p. 8)

Tendo em vista esse conceito, podemos continuar nossa discussão e responder o questionamento feito no início deste tópico. “O que é ser uma pessoa Travesti ou Transexual?” Com base no que foi apresentado por Jaqueline de Jesus, podemos responder que uma pessoa transexual é alguém que, além de não se identificar com o gênero atribuído no nascimento, apresenta comportamentos que fogem do que é aceito na sociedade heteronormativa, ou seja, alguém cujos costumes, formas de se vestir, falar e agir são vistos erroneamente como diferentes do padrão, o que gera o preconceito que esse trabalho tem o intuito de combater, mostrando publicamente que uma pessoa transexual tem os mesmos direitos e deveres de uma pessoa cisgênero e que não devem passar pelo medo do extermínio que sofrem diariamente por viverem no Brasil, o país que mais mata travestis e transexuais no mundo.

Devemos apresentar também um conceito de ser travesti especificamente, esse termo carrega consigo um significado, já deixado de lado, que é voltado para algo pejorativo, ligado muitas vezes à prostituição, porém a própria comunidade travesti vem mudando com muita luta pelo reconhecimento. Trazendo a própria definição do termo, segundo a psicóloga Priscila Junqueira, que é especialista em sexualidade, travesti é um termo feminino que tem uma identidade de gênero própria, mas que não necessariamente se identifica como mulher.

4 - Fotografia

Para iniciar a discussão sobre teorias da fotografia, a ser apresentada neste capítulo em conjunto com os diários de bordo individuais, podemos trazer a percepção de Milton Guran sobre como a imagem pode ser utilizada não apenas como complemento do que se fala, mas como uma forma individual de comunicação. Para ele:

A fotografia é uma extensão da nossa capacidade de olhar, e se constitui em uma técnica de representação da realidade que, pelo seu rigor e particularismo, se expressa através de uma linguagem própria e inconfundível. Sendo a participação do autor (fotógrafo) balizada por uma técnica completamente vinculada às especificidades de uma determinada realidade, a foto resultante pode traduzir com bastante rigor a evidência dessa realidade. (GURAN, 1991, p.11)

Essa fala de Guran, pode explicar como as imagens se tornam o fio condutor deste trabalho, pois através delas foram mostradas as realidades de cada personagem apresentado no projeto, levando em consideração que a presença de pessoas LGBTQIA+ no centro de Ouro Preto e Mariana contrasta com a paisagem barroca, cercada de igrejas históricas e de um passado (ou até mesmo de um presente) marcado pelo conservadorismo e preconceito, as imagens captadas nesses espaços trazem a força dessas pessoas e a luta contra a LGBTfobia.

Para falar sobre composição fotográfica, precisamos apresentar o conceito de composição, que é o termo usado para descrever tudo que está presente em uma imagem. A composição trata dos elementos expostos em uma fotografia, no caso deste trabalho, a composição das imagens está atrelada a presença da fonte em conjunto com a paisagem, apresentando assim a fundamentação deste trabalho “a presença da força LGBTQIA+ em contraste com o barroco presente nas construções históricas”

Ainda segundo os conceitos apresentados por Guran, podemos trazer o que ele cita sobre a construção das imagens:

Na verdade, o ato de fotografar começa pelo reconhecimento do conteúdo de uma situação, ou seja, a seleção do que se vai enfocar, daquilo que é realmente importante em uma cena. No recorte do visor, excluem-se ou não elementos visuais, que são também dados de conteúdo, de forma a destacar

o essencial. É fundamental olhar os quatro cantos do visor e eliminar ao máximo os acessórios, limpando a fotografia de tudo que possa poluir a mensagem principal (GURAN, 1991, p.19)

Precisamos apontar também o conceito de enquadramento, podemos dizer que enquadrar é o mesmo que organizar no visor da câmera, todos os elementos geométricos que formam a realidade plástica da imagem (GURAN, 1991). Segundo o autor, o enquadramento pode mudar até mesmo o significado de uma imagem, ele diz:

Basta o fotógrafo chegar um pouquinho para o lado, levantar mais a cabeça, ou se abaixar para mudar inteiramente a perspectiva de uma imagem, e com isso talvez até o seu significado. (GURAN, 1991, p.23)

Esse trecho explica como o enquadramento é responsável não apenas por mostrar o que está na imagem, mas aponta como o enquadramento pode alterar a mensagem apresentada pela fotografia, sendo assim ele é um dos pontos mais importantes da construção fotográfica.

Vamos abordar também os conceitos de planos fotográficos para finalizar as discussões sobre fotografia. É importante ressaltar que os planos podem ser divididos entre planos de tomada e planos de foco. Para explicar as diferenças entre eles, me remeto às falas de Michaela Stocco (2014), que apresenta os conceitos de planos apresentados por Boni (2000), para ela:

Os planos de tomada definem-se como o distanciamento da câmera fotográfica em relação ao objeto a ser fotografado. Podem variar de “panorâmicos” a “detalhe”, caracterizando-se pela aproximação ou afastamento da imagem em relação à lente da câmera no momento do registro fotográfico, ou seja, o enquadramento dos elementos no cenário da fotografia. (Stocco, 2014, p. 20)

Os chamados planos de tomada podem ser subdivididos entre plano panorâmico, grande plano geral, plano geral, plano médio, plano americano, primeiro plano ou close-up e primeiríssimo plano, big close-up ou plano de detalhe. Entre eles podemos perceber facilmente as diferenças e a forma de construção de cada um deles. A partir desses pontos apresentados posso explicar separadamente e de maneira simplificada o que é cada um deles.

Para começar, falaremos do plano panorâmico, que se trata de um plano mais aberto, ou seja, imagens com esse tipo de plano tendem a entregar a quem vê, um formato retangular

e uma imagem mais horizontal e alongada, geralmente é usado para fazer uma captura focada em paisagens.

Vamos abordar também o grande plano geral, que apresenta características bem parecidas com o plano panorâmico, porém nesse caso passa a ser uma imagem menos horizontal, esse tipo de plano é utilizado comumente para captar imagens de paisagens, resultando imagens mais quadradas. Para Stocco (2014), geralmente é um plano utilizado por turistas e por publicitários em suas campanhas.

O próximo a ser apresentado é o plano geral, que apresenta basicamente as mesmas características do grande plano geral, entretanto, nesse plano a paisagem deixa de ser o foco principal, que passam a ser elementos vivos e móveis. Segundo Stocco (2014), esse plano é muito descritivo, possui a capacidade de situar o ambiente, o ser humano e a ação, criando assim a interação do homem com o ambiente.

Falaremos também sobre o plano médio, que se trata de um plano que está no meio termo entre os planos fechados e os abertos, nele predomina a interação entre o homem e o ambiente (Boni, 2000). Esse tipo de enquadramento tem um grande poder descritivo e pode caracterizar o indivíduo no seu ambiente, mas o indivíduo deve aparecer de corpo inteiro, chamando mais atenção para si do que para os outros elementos presentes na imagem.

Agora vamos falar sobre o plano americano, se trata de um enquadramento no qual o personagem apresentado é cortado abaixo ou acima do joelho e também pode ser fotografado da cintura para cima, nesse plano a movimentação dos braços e cabeça do fotografado tendem a chamar a atenção de quem visualiza a imagem.

O próximo plano a ser abordado é o primeiro plano, que também pode ser encontrado em algumas referências, sendo chamado de close-up, é um plano focado em aproximar ao máximo do personagem, isolando, assim, o mesmo do ambiente em que se encontra. Esse tipo de enquadramento tem como objetivo captar mais os traços físicos do rosto e as emoções do fotografado, isso acontece por se tratar de um enquadramento muito fechado.

Para finalizar essa discussão sobre planos, apresento o plano de detalhe, se trata de um enquadramento muito mais fechado que o anterior, mostrando apenas uma parte do objeto

fotografado. Trata-se de um enquadramento de fácil leitura e pode ser usado quando o objetivo da fotografia é passar uma maior expressividade, normalmente vemos esse tipo de enquadramento em campanhas publicitárias que necessitam de mostrar um produto específico, por exemplo, uma propaganda de batom cuja imagem é apenas dos lábios da modelo.

Ainda segundo Michaela Stocco (2014), os planos de foco dizem respeito à seleção dos elementos que montam a imagem, ou seja, os planos de foco têm o objetivo de controlar o que está mais ou menos visível em uma fotografia, utilizando assim a abertura do diafragma da câmera, que quanto mais aberto, mais mostra de uma paisagem e quanto mais fechado, menos da paisagem é mostrada, gerando assim o efeito de desfoque no fundo. Para ela:

Através do plano de foco o fotógrafo pode privilegiar um elemento que compõe a fotografia em detrimento a outro, ou seja, um elemento pode estar totalmente nítido e com maior visibilidade num primeiro plano (plano de foco) e outro desfocado mais ao fundo (em outro plano), essa separação em planos traz o olhar do leitor para o que o fotógrafo considera mais importante. (Stocco, 2014, p. 26)

5 - Diário de bordo

Neste capítulo, serão apresentados os acontecimentos desde o início até a finalização dessa produção. Para esse trabalho, inicialmente foi escolhida uma estrutura de livro-fotográfico, visando a divulgação por meio de publicação futura após a finalização e avaliação da banca examinadora, porém com o passar do tempo e devido à situação da pandemia da Covid-19, ficou decidido que essa produção seria transformada na produção de um site interativo, ajudando assim na divulgação e veiculação do trabalho realizado.

A produção foi iniciada em 2019, tendo como primeiro passo a busca por fontes, um dos pontos mais difíceis desse trabalho, uma vez que ele lida com a exposição da imagem dessas pessoas, porém logo no começo consegui a primeira fonte, a Karina de Oliveira, mulher cis, bissexual, uma amiga pessoal que como eu, nasceu e foi criada em Ouro Preto.

Ao finalizar a captação das imagens aconteceu antes do início da pandemia, o que permitiu que o trabalho fosse examinado pela Banca de TCC 1, que contou com a presença do professor Orientador Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça e do professor convidado André Luís Carvalho e obteve aprovação para a continuidade de produção e para a Banca de TCC 2.

No início de 2020, ao retornar para as atividades presenciais, fomos surpreendidos pela pandemia do coronavírus, que impediu o retorno presencial das atividades, tornando inviável a produção do trabalho. Além da pandemia que impedia o encontro presencial com as fontes e o empréstimo de câmeras pela UFOP, passei a sofrer com crises de ansiedade que foram trazidas à tona após alguns acontecimentos de 2019, o que resultou em um longo período no qual eu não conseguia me concentrar nas disciplinas e também na produção desse trabalho, deixando ele de lado até o final de 2021 quando a produção foi retomada, ainda ao lado das crises de ansiedade, que por alguns momentos ainda atrapalham essa produção.

Durante essa produção a busca pelas fontes se mostrou a parte mais difícil como foi dito anteriormente, o que prova essa afirmação é a situação que aconteceu também em 2019, quando uma das fontes marcou para fazermos as fotos em um domingo às 11h da manhã e quando chegou o horário da sessão ele não compareceu e também não atendia às ligações, mais tarde naquele mesmo dia ele voltou a responder às mensagens e disse que não participaria mais do projeto e que não havia aparecido pois tinha saído na noite anterior e não acordou a tempo, mesmo com minha tentativa de manter a fonte, o mesmo disse que não tinha mais interesse em participar da produção.

A partir desse momento foi iniciada uma nova procura por fontes, na qual consegui 2 novas fontes, um homem gay e uma mulher trans, ambos novamente cancelaram a participação sem muitas explicações, o homem gay me disse que achou melhor não participar da produção, pensando nas relações com familiares que ainda não sabiam sobre a sua sexualidade. Já a mulher trans, apenas mudou o número de celular e não consegui o número novo, além de não ter conseguido novas respostas através do Facebook.

Já em 2022, a nova busca por fontes me levou até o Filipe Vieira, que havia estudado comigo durante o ensino médio. Por se tratar de uma pessoa conhecida, se tornou mais fácil o contato e a troca de informações. Nesse ano também entrei em contato com a Liana Paula, uma outra mulher trans, marianense, que se dispôs a participar da produção, com ela a interação foi mais rápida, porém o fato de não a conhecer previamente não atrapalhou o andamento do ensaio.

Após a captação das fotos com as personagens, foram realizadas as entrevistas com cada um e a partir desse ponto o trabalho entra em fase de finalização, que consiste em realizar a montagem do texto das entrevistas e diagramação no site, que já se encontra pré-diagramado e contendo as imagens já finalizadas que serviram como base para a

produção das outras páginas. Esse site foi construído através da plataforma Wix Website Editor, usado para a criação de sites gratuitos de maneira rápida e fácil.

5.1 - Diário de bordo Regina Braga (Lésbica)

Chegar até essa personagem precisei da ajuda da minha amiga Maria Letícia, que foi a pessoa que fez o contato inicial com ela e explicou o conceito do trabalho, após esse primeiro contato, tive acesso ao telefone da assessora da Regina Braga, vice-prefeita de Ouro Preto, que foi quem intermediou as conversas e a troca de informações. Expliquei para a Dani, assessora, todo o projeto e como funcionaria a sessão de fotos e a entrevista, ela repassou para a Regina, que logo se interessou pelo trabalho e se dispôs a ser uma das personagens.

Durante nossos contatos, foi complicado encontrar um horário na agenda, levando em consideração todos os compromissos que uma pessoa no cargo dela tem diariamente, entre visitas aos distritos e agenda institucional, conseguimos marcar um horário para a sessão de fotos, que aconteceu de maneira rápida e leve, ficamos menos de uma hora juntos e já havia conseguido as cinco imagens que precisava.

As fotos foram tiradas dentro do gabinete dela, seu local de trabalho, na porta principal da prefeitura, na praça localizada atrás da prefeitura e em dois ângulos da Igreja de Nossa Senhora do Pilar, nesse ensaio especificamente nem todos os lugares são marcantes para a personagem, porém devido ao tempo que tínhamos juntos precisamos escolher locais próximos à prefeitura para evitar atrasos nos compromissos dela.

Ao final da sessão conversamos um pouco e tentamos nos conhecer melhor e nessa conversa perguntei se a orientação sexual dela já causou algum problema durante a sua carreira política, ela me respondeu que não e que já sofreu preconceito por ser mulher, ser lesbica nunca foi um problema para ela na política.

A seguir, as imagens captadas e escolhidas para estarem no produto principal, acompanhadas de uma pequena explicação sobre as especificações de cada uma delas, mas antes é necessário explicar cada termo usado, entre eles temos a abertura do diafragma, que é representada por “f”. Temos também a velocidade do obturador, que mede a exposição do diafragma à luz, essa velocidade é representada por “1/100s”, quanto maior for o número que acompanha, menor é o tempo de exposição. Para finalizar, apresento o ISO, que apresenta a sensibilidade do sensor de imagem, quanto menor o número, menor será a sensibilidade à luz.

Imagem 1:

- Abertura: f/5
- Velocidade: 1/160s
- ISO: 100



Imagem 2:

- Abertura: f/4
- Velocidade: 1/200s
- ISO: 100



Imagem 3:

- Abertura: f/5
- Velocidade: 1/100s
- ISO: 100



Imagem 4:

- Abertura: f/5.6
- Velocidade: 1/200s
- ISO: 100



Imagem 5:

- Abertura: f/8
- Velocidade: 1/50s
- ISO: 800



5.2 - Diário de bordo Filipe Vieira (Gay)

Para esse ensaio foi preciso dedicar um tempo e uma quantia em dinheiro, uma vez que me mudei para Mariana e no primeiro dia que havíamos marcado acabamos nos desencontrando devido a falta de bateria no celular dele, o que impediu a comunicação no dia marcado, porém no mesmo dia já deixamos agendada a nova data e com um local fixo para nos encontrarmos.

As imagens foram captadas em apenas um dia, facilitando assim a escrita deste diário de bordo. A conversa com ele foi um tanto quanto curta, mas ainda assim de uma grande força pela história contada, mesmo que não tenha sido uma infância e adolescência marcadas pelo preconceito, ele carrega uma força enorme por se impor e não permitir que as opiniões e palavras das outras pessoas afetassem sua vida.

Com ele as fotos foram feitas na igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões, igreja de São Francisco de Assis, no beco entre a Rua Direita e a Rua das Flores, na frente da Escola Estadual Dom Pedro II e no mirante atrás do Museu do Oratório, lugares que

marcaram de alguma forma a história, positiva ou negativamente e dessa forma ajudaram a moldar a sua trajetória.

A seguir as imagens seguidas das especificações:

Imagem 1:

- Abertura: f/5.6
- Velocidade: 1/320s
- ISO: 100



Imagem 2:

- Abertura: f/5.6
- Velocidade: 1/20s
- ISO: 100



Imagem 3:

- Abertura: f/5.6
- Velocidade: 1/30s
- ISO: 100



Imagem 4:

- Abertura: f/4
- Velocidade: 1/60s

- ISO: 100



Imagem 5:

- Abertura: f/5.6
- Velocidade: 1/30s
- ISO: 100



5.3 - Diário de bordo Karina de Oliveira (Bissexual)

Levando em consideração o conhecimento prévio sobre a orientação sexual da Karina, a busca pela sua participação nessa produção foi a que se deu de maneira mais rápida, a confiança preexistente auxiliou nesse ponto, pois a mesma não se sentiria invadida pelas perguntas feitas e também tornaram mais fácil a comunicação durante a realização das imagens.

Com ela foram 2 dias diferentes para a captação das imagens, devido a chuva que surgiu de repente no primeiro dia, o que impossibilitou que o ensaio fosse realizado em apenas uma sessão.

Foi pedido para que ela escolhesse cinco locais no centro da cidade e ela escolheu as Igrejas de São Francisco de Assis e Nossa Senhora do Carmo, a Feirinha de Pedra Sabão e o adro da Igreja das Mercês e Perdões (Mercês de Cima, como é comumente conhecida na cidade), esses são locais que foram marcantes e significativos para a construção da sua história.

Nessas 5 imagens, podemos perceber que os elementos barrocos da cidade ajudam a fazer a composição marcante das imagens, ligando a força histórica dos locais com a resistência apresentada pela participante.

Abaixo as imagens escolhidas e as especificações:

Imagem 1:

- Abertura: f/5
- Velocidade: 1/25s
- ISO: 200



Imagem 2:

- Abertura: f/5.6
- Velocidade: 1/4000s
- ISO: 100



Imagem 3:

- Abertura: f/3.5
- Velocidade: 1/40s

- ISO: 200



Imagem 4:

- Abertura: f/5.6
- Velocidade: 1/250s
- ISO: 100



Imagem 5:

- Abertura: f/5.6
- Velocidade: 1/400s
- ISO: 100



5.4 - Diário de bordo Liana Paula (Transexual)

Encontrar uma personagem trans foi um grande desafio para mim, acredito que a exposição que a participação neste trabalho traz, acaba tornando a participação nele mais um desafio a ser enfrentado. Entrei em contato com mais de uma pessoa convidando para o trabalho e tive retorno de uma inicialmente, mas acabamos perdendo o contato durante a

pandemia, depois encontrei mais uma pessoa que se interessou pelo projeto, porém marcamos a sessão de fotos em dois dias diferentes, em um dos dias ela não pôde ir e no segundo dia não retornou às minhas tentativas de contato.

Depois dessas tentativas, continuei a procura por pessoas trans na região de Ouro Preto e Mariana e encontrei a Liana Paula, uma mulher muito simpática e disposta a participar da produção, logo que entrei em contato ela me respondeu e já marcamos a sessão de fotos para o dia seguinte.

Nos encontramos na praça Gomes Freire, Jardim, em Mariana e na hora marcada ela já estava lá e super animada para a participação. Fizemos a primeira foto lá no Jardim mesmo, tentei deixar ela bem à vontade para que as fotos ficassem mais naturais, logo depois que acabamos a primeira foto ela foi trocar de roupa, falei pra ela que seria uma boa ideia para diversificar mais as imagens, pois tínhamos apenas um dia de sessão.

Depois da troca de roupa fomos até a praça Minas Gerais e durante o trajeto fomos conversando pois ainda não a conhecia como dois outros personagens desse trabalho. Nessa hora, ela se sentiu mais à vontade e depois de algumas fotos pediu para fazer algumas fotos dela sentada na porta de uma das igrejas.

De lá voltamos ao Jardim, um espaço perto do lago, um pouco complicado para fazer as fotos por se tratar de um lugar onde a luz do sol batia bem atrás dela, além de ter uma escultura de dinossauro bem ao lado devido a uma exposição que acontece no espaço.

Ao finalizar fomos até o ICHS - Instituto de Ciências Humanas e Sociais - onde ela cursa Pedagogia, lá foi o local onde ela mais se soltou, acredito que por frequentar o espaço e se sentir acolhida, escolhemos dois pontos que ela gosta no local e finalizamos a sessão.

Foi uma sessão muito leve, estava com receio por não conhecer ela previamente e ter um pouco de dificuldade para conhecer pessoas novas, pensei que isso poderia me atrapalhar, mas felizmente isso não interferiu e consegui fazer a sessão de fotos de forma tranquila e rápida.

Abaixo as imagens escolhidas e as especificações:

Imagem 1:

- Abertura: f/3.5
- Velocidade: 1/1600s
- ISO: 100



Imagem 2:

- Abertura: f/5.6
- Velocidade: 1/60s
- ISO: 100



Imagem 3:

- Abertura: f/10
- Velocidade: 1/40s
- ISO: 100



Imagem 4:

- Abertura: f/5
- Velocidade: 1/400s
- ISO: 100



Imagem 5:

- Abertura: f/10
- Velocidade: 1/160s
- ISO: 100



6 - Considerações Finais

Levando em consideração todos os aspectos analisados neste trabalho, posso afirmar que o preconceito contra pessoas LGBTQIA+ vai muito além da violência física como é retratado normalmente, infelizmente esse preconceito é mostrado em forma de olhares, comentários maldosos, exclusão e até mesmo invalidando as conquistas das pessoas. Essas constatações provam a demanda que me fez chegar ao tema deste trabalho, as formas menos visíveis de LGBTfobia, geralmente são as que mais são enfrentadas de maneira diária e pensando pela visão de quem mora em Ouro Preto ou Mariana, vemos que a religiosidade da região é um ponto que legitima, para algumas pessoas, o crescimento do preconceito.

Penso também nas vivências, tanto dos personagens quanto das minhas em relação à sexualidade, nem todos conseguem expressar ou não entendem como funciona a sexualidade, a aceitação pessoal é algo primordial para vivenciar plenamente sua sexualidade, porém o ato de se assumir é algo que vai além disso. Contar ao mundo sobre sua sexualidade é também um ato de resistência, luta e também de força, é preciso ser forte para abrir essa parte da vida,

pois ao nos abrir para o mundo infelizmente corremos o risco de abrir para o preconceito, que sempre vem carregado de ódio.

Ao decorrer deste trabalho pude perceber também que a exposição da sexualidade é algo muito delicado, o que me mostrou isso foi a dificuldade para conseguir as fontes, coisa que só concluí na última semana de produção deste trabalho. Percebi que as pessoas se interessam pelo tema, mas quando envolve a exposição da própria vida ainda existe um medo por trás, digo isso pois tive contato com possíveis participantes para essa produção e essas pessoas explicaram que entendem a importância do tema ser abordado, mas a exposição seria um problema pois o preconceito ainda se faz muito presente.

É importante ressaltar que as imagens presentes nesse trabalho foram escolhidas para mostrar a força dos personagens, mesmo que mostre o personagem em uma posição mais simples e que passe uma sensação de vulnerabilidade, ser um personagem desse trabalho demonstra força e uma forma de enfrentamento dos preconceitos sofridos no dia a dia.

Mesmo com todas as dificuldades e atrasos, me sinto orgulhoso em ter realizado esse trabalho, foi uma experiência ótima e pude aprender e me aprofundar muito nos conceitos e na bibliografia presente no trabalho, os autores e autoras que acessei repassam seus conhecimentos de maneira simples e direta, facilitando, assim, o entendimento e tornando mais fácil a produção e também me ajudando a ser claro e direto como eles para repassar as informações. Sinto que consegui realizar um bom trabalho e uma boa pesquisa, sanando todas as dúvidas que tinha sobre os assuntos pesquisados, pois mesmo sendo também uma pessoa LGBTQIA+ o conhecimento técnico sempre ajuda a entender melhor o funcionamento e as formas como o preconceito atua na sociedade moderna.

Essa produção me auxiliou também nas questões com a timidez que carrego comigo, pois para realizar os contatos precisei enfrentar isso e pude me soltar mais na presença de pessoas desconhecidas, vejo que isso é um grande avanço pessoal que poderá me ajudar durante minha carreira como jornalista, além disso, as leituras acrescentaram mais conhecimentos que poderão ser úteis durante a profissão, como por exemplo a importância do uso adequado dos pronomes e das formas de tratar as pessoas, levando em consideração não somente a aparência exterior das pessoas, mas também a história e as vivências delas.

Para finalizar, vejo que a construção desse trabalho me ensinou que a busca por fontes pode ser um grande desafio para um jornalista, aprender isso é de grande importância para

essa profissão, uma vez que ter boas fontes de informação e bons contatos ajudam a moldar uma boa reportagem e um bom profissional.

7 - Referências

ALMEIDA, Gláucia. HEILBORN, Maria Luiza. Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. *Gênero* v. 9, n. 1, p. 225-249, 2. sem. Niterói, 2008.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: História e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte, Autêntica Editora. 2010.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAVALCANTI, Camila Dias. *Visíveis e invisíveis: Práticas e identidade bissexual*. Recife: O autor, 2007.

ECCEL, Claudia Sirangelo. *Masculinidade, autoimagem e preconceito em representações sociais de homossexuais*. Rio de Janeiro: Revista Pensamento contemporâneo em Administração, 2015.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB) (Org.). *Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil: Relatório 2021*. Salvador, 2022. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/03/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte. Autêntica Editora. 2004.

STOCCO, Michaela. *A fotografia como meio de comunicação corporativa: uma análise das imagens do site da Avon*. Curitiba, 2014. Universidade Federal do Paraná.

8 - Anexos

8.1 - Autorização de uso de imagem

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Liziano Paula M. P. B., portador(a) do RG n.º 49.511.479, inscrito(a) no CPF sob o n.º 137.295.609-47, residente na Rua do Condote 381 n.º _____, Mariana - MG, AUTORIZO o uso de minha imagem, constante na produção fotográfica intitulada como "Rastros (In)visibilidade Barroca", como tema do Trabalho de Conclusão de Curso, do aluno Gustavo Arcanjo Ferreira, do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, com o fim específico de publicação do conteúdo, sem qualquer ônus para a instituição e em caráter definitivo.

A presente autorização abrangendo o uso da minha imagem na produção acima mencionada é concedida ao estudante Gustavo Arcanjo Ferreira a título gratuito, para uso exclusivo na produção do material para o Trabalho de Conclusão de Curso, constando a publicação no site base do projeto e redes sociais ligadas ao mesmo (Instagram/Facebook). Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ora autorizada ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Local e data: Mariana 07 de Junho de 2022

Assinatura: Liziano P. B.

Telefone para contato: (31) 99269-6541

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Karina F. de Oliveira, portador(a) do RG n.º 49.772.440, inscrito(a) no CPF sob o n.º 139.625.906-79, residente na Rua Passagem das Lagoas n.º 61, Ouro Preto - MG, AUTORIZO o uso de minha imagem, constante na produção fotográfica intitulada como "Rastros (In)visibilidade Barroca", como tema do Trabalho de Conclusão de Curso, do aluno Gustavo Arcanjo Ferreira, do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, com o fim específico de publicação do conteúdo, sem qualquer ônus para a instituição e em caráter definitivo.

A presente autorização abrangendo o uso da minha imagem na produção acima mencionada é concedida ao estudante Gustavo Arcanjo Ferreira a título gratuito, para uso exclusivo na produção do material para o Trabalho de Conclusão de Curso, constando a publicação no site base do projeto e redes sociais ligadas ao mesmo (Instagram/Facebook). Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ora autorizada ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Local e data: Ouro Preto, 26 de maio de 2022

Assinatura: K. Oliveira

Telefone para contato: (31) 98582-3890

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, (nome completo da pessoa filmada), (nacionalidade), (estado civil), portador(a) do RG n.º 17771304, inscrito(a) no CPF sob o n.º 4208094656, residente na Rua Antônio Viviani Marcondes n.º 689, (cidade) - (estado), AUTORIZO o uso de minha imagem, constante na filmagem de Gustavo Arcanjo Ferreira (nome completo do cinegrafista), enviada à Secretaria de Estado da Educação do Paraná, com o fim específico de publicação de conteúdo pedagógico, sem qualquer ônus para a instituição e em caráter definitivo.

A presente autorização abrangendo o uso da minha imagem na filmagem acima mencionada é concedida à Secretaria de Estado da Educação do Paraná a título gratuito, abrangendo inclusive a licença a terceiros, de forma direta ou indireta, e a inserção em materiais para toda e qualquer finalidade, seja para uso comercial, de publicidade, jornalístico, editorial, didático e outros que existam ou venham a existir no futuro, para veiculação/distribuição em território nacional e internacional, por prazo indeterminado.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ora autorizada ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Local e data: Ouro Preto, 19/05/22

Assinatura: Filipe Vly

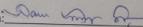
Telefone para contato: (31) 982383869

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Maria Regina Braga, portador(a) do RG n.º MG-2.718.858 inscrito(a) no CPF sob o n.º 551.792.236-87, residente na Praça Barão do Rio Branco, 12, Pílar, Ouro Preto - MG, AUTORIZO o uso de minha imagem, constante na produção fotográfica intitulada como "Rastros (In)visibilidade Barroca", como tema do Trabalho de Conclusão de Curso, do aluno Gustavo Arcanjo Ferreira, do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, com o fim específico de publicação do conteúdo, sem qualquer ônus para a instituição e em caráter definitivo.

A presente autorização abrangendo o uso da minha imagem na produção acima mencionada é concedida ao estudante Gustavo Arcanjo Ferreira a título gratuito, para uso exclusivo na produção do material para o Trabalho de Conclusão de Curso, constando a publicação no site base do projeto e redes sociais ligadas ao mesmo (Instagram/Facebook). Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ora autorizada ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Local e data: Ouro Preto, 10 de Junho de 2022

Assinatura: 

Telefone para contato: (31) 3559-3240